



“Dom Garcia”, Cantata Cénica de Joly Braga Santos

Banda Sinfónica da PSP e Coro Sinfónico Lisboa Cantat
Natália Correia e David Mourão-Ferreira, *libreto* · António Costa, *direção musical*
07/07 · dom · 21h30 · Mosteiro de Alcobaca · Cerca

Programa

Dom Garcia, cantata cénica

Joly Braga Santos (1924–1988), *música*
Natália Correia (1923–1993) e David Mourão-Ferreira (1927–1996), *poema*

Airas Nunes (c.1230–1293) e Martin Codax (séc. XIII)
Cantigas de amigo

Ficha artística

Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública
Coro Sinfónico Lisboa Cantat
António Costa, *direção musical*
Jorge Carvalho Alves, *maestro do coro*
Fernando Gomes, *encenação*
Nicolás Isasi, *assistente de encenação*

Cantores

Marco Alves dos Santos, *tenor* – Jegral
Bárbara Barradas, *soprano* – Virgem

Três avelaneiras

Filipa Passos, *soprano*
Sara Afonso, *soprano*
Rita Morão Tavares, *contralto*

Atores

José Raposo – Dom Fernando
Mário Redondo – Dom Garcia
Ricardo Raposo – Dom Afonso
Pedro Saavedra – Dom Sancho
Leonor Seixas – Dona Urraca
Sara Belo – Dona Elvira
Mariana Pereira – Anjo
Pedro Saavedra – Mensageiro

Bailarinos

Catarina Ferreira Teles, Ema Machado Guimarães Amaral, Henrique Sobral Palma, Manuel Neves Ferreira Salgado, Maria Leonor Rodrigues Simões, Rita Carrilho Sousa Pinto, Rúben Lima Cabrita dos Santos Diogo Alexandre Serejo Goulartt de Medeiros, Leonor Nunes de Brito Oliveira Santos, Lucas Emanuel Pereira Rodrigues, Rafaela de Jesus Fialho Ferreira e Afonso Arruda Montezuma Pena Minderico

Equipa Técnica

Catarina Moreira, *coreografia*
Maria Gonzaga, *figurinos*
Luís Vieira-Baptista, *elementos cénicos*
Pedro Leston/Leston Design, *iluminação*
Paulo Enes da Silveira, *direção de produção*
Ana Enes, Paula Coelho, *produção*
Ana Luísa Novais, *ass. produção*

A Cantata Cénica “Dom Garcia” tem o apoio de



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Comissão de Honra das Récitas da *Cantata Cénica Dom Garcia*

Sua Excelência O Presidente da República,
Marcelo Rebelo de Sousa – Presidente da Comissão de Honra

Sua Excelência o antigo Presidente da Assembleia da República,

João Bosco Mota Amaral
Excelentíssimo Senhor Diretor Nacional da Polícia de Segurança Pública,

Luís Miguel Ribeiro Carrilho
Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa,
Luís Manuel dos Anjos Ferreira

Excelentíssima Senhora Presidente da Fundação Centro Cultural de Belém,
Francisca Carneiro Fernandes

Excelentíssimo Senhor Presidente da Fundação Minerva – Cultura, Educação e Investigação Científica,
João Redondo

Excelentíssima Senhora Gabriela Canavilhas
Excelentíssima Senhora Helena Roseta

Exma. Senhora Piedade Braga Santos
Exma. Senhora Isabel Barge

Maestro António Victorino d'Almeida
Maestro Álvaro Cassuto

Maestro Alexandre Delgado
Exmo. Senhor Paulo Ferreira de Castro

Exmo. Senhor João Pereira Bastos
Exmo. Senhor António Wagner Diniz

Exmo. Senhor Fernando Dacosta

Agradecemos aos seguintes parceiros

Fundação Centro Cultural de Belém
Fundação Minerva, Cultura, e Educação e Investigação Científica – Universidades Lusíada

Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão Câmara Municipal de Lisboa
Câmara Municipal de Santarém

Junta de Freguesia de Alvalade – Aula Magna
Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública

Escola de Dança do Conservatório Nacional
CISTERMÚSICA Festival

Casa do Artista – APOIARTE
Casa do Coreto – Lua Cheia teatro para todos /retirar

MIL – Movimento Internacional Lusófono
OLP – Observatório de Língua Portuguesa

Agradecimentos

Sua Excelência O Presidente da República Portuguesa – Presidente da Comissão de Honra das Récitas DOM GARCIA, Associação Musical Lisboa Cantat, Escola de Música do Conservatório Nacional, AZOREAN CULTURE-AMLAC, Cardoso & Conceição-Comércio de Instrumentos musicais, RussoMúsica-Instrumentos Musicais, João de Brito Advogados, Cálculo Majestoso, João Pereira – Cópia Digital de Partituras, RTP Antena 2.

Apresentações de Dom Garcia em Portugal:

Cisternmúsica (Festival, Alcobaça) 7 de julho;
Aula Magna (Lisboa) 29 de setembro;
Cinema (Santarém) 5 de outubro.

Coprodução CISTERMÚSICA Festival, ARTPRODES – Artistic Productions Enes da Silveira

Apresentação

Em 1971, António Barge, médico de Vilar de Mouros, encomendou a três grandes vultos da cultura portuguesa uma obra emblemática para a inauguração do Festival de Vilar de Mouros: a *Cantata Cénica Dom Garcia*. Joly Braga Santos foi o compositor. Natália Correia e David Mourão-Ferreira, autores do Poema-Libreto. A referida obra foi composta para banda sinfónica, coro sinfónico, cinco solistas cantores e oito declamadores. Esta grandiosa Cantata é inspirada na história de D. Garcia e seus quatro irmãos (D. Sancho, D. Afonso, D. Urraca e D. Elvira), filhos do Rei D. Fernando de Castela, e decorre antes da formação do Reino de Portugal. A trama desenvolve-se em torno da desavença entre os irmãos, assim que o pai anuncia a divisão do reino. São, então, entre eles travadas lutas fratricidas que culminam com o cativo de D. Garcia, no Castelo de Luna, local onde se presume tenha vindo a sucumbir. A memorável estreia desta obra esteve a cargo da Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana, sob a batuta do Maestro Silva Dionísio. Nos dias 15 e 16 de Julho de 2005, depois de um silêncio de trinta e quatro anos, a Cantata Cénica D. Garcia voltou à cena, com a orquestra e coros do Conservatório Nacional e com as colaborações do Coro do Instituto Gregoriano, da Escola Superior de Música de Lisboa e da Escola Superior de Teatro e Cinema, sob a direção do Maestro António Costa. Este concerto foi realizado no Teatro Camões, em Lisboa, aquando do encerramento das celebrações dos 170 anos do Conservatório Nacional, tendo o seu êxito merecido destaque em várias críticas de jornais da época. De salientar, a de Bernardo Mariano, no Diário de Notícias, e a do Maestro Manuel Ivo Cruz, no Jornal de Notícias. Da primeira, transcreve-se a seguinte apreciação: “Não só a obra se revelou extremamente bem escrita para instrumentos e vozes e timbricamente muito sedutora, como a sua interpretação foi igualmente de muito bom nível, cabendo o destaque ao excelente grau de preparação evidenciado pela orquestra e pelos coros”. Do artigo escrito pelo Maestro Manuel Ivo Cruz, sublinha-se a sugestão dada pelo autor: “...a Cantata ‘D. Garcia’ é tão importante no património cultural português, que o seu registo bem merece figurar no catálogo de edições discográficas dedicadas aos nossos valores — não só pela invulgar categoria dos Autores e conseguida afirmação de autêntica Obra de Arte, mas também pela alta qualidade dos jovens artistas que agora a revelaram.” A Cantata foi igualmente apresentada, em 2010, no Concerto Sons da Água (Paradinha, Arouca) e, em 2017, na Escola Superior de Música de Lisboa. A propósito dos centenários de nascimento de Natália Correia (em 2023) e de Joly Braga Santos (em 2024) e levando em linha de conta a relevância das palavras do Maestro Manuel Ivo Cruz, era, pois, de elementar e merecida justiça a realização de récitas comemorativas para apresentação desta considerada belíssima Cantata, sem se esquecer a possibilidade da concretização de uma edição discográfica, de modo a que não se deixe extinguir da memória coletiva esta rara e única ocasião que logrou agregar três grandes vultos da cultura portuguesa do século XX.

Textos

Poema-libreto

1.ª parte

Coro

(cantado)

— Ah!

ó reinar cheio de enganoso!

Ó enganoso reinar!

Olhos que te viram ir

não mais te verão voltar!

(Repete três vezes alternando com a Soprano)

Soprano

(cantado)

— Um corvo poisou na pauta da tua canção de amigo e emudeceram as falas das ondas do mar de Vigo

Foi teu luar a Galiza o teu sol Portugal duas feridas no teu peito, qual delas a mais mortal

De tormenta foi teu reino de tempestade o teu manto Rei Garcia, ai Rei Garcia tudo se transforma em pranto

Interlúdio orquestral

(Contrastando com o pranto coral, irrompe uma música alegre, saltitante e burlesca, sublinhando a entrada de malabaristas, saltimbancos, que fazem dançar ursos, bailarinas, etc. Ambiente de romaria.)

Bailada das avelaneiras

(Soprano 1, Soprano 2 e Contralto)
(cantado)

— Bailemos nós todas três, ai amigas, debaixo destas avelaneiras floridas e quem for bonita como nós bonitas, se amigo amar, debaixo destas avelaneiras floridas virá bailar.

Bailemos nós todas três, ai irmãs, sob este ramo florido de avelãs e quem for louça como nós louças, se amigo amar.

Sem mais cuidados, bailemos amorosas, debaixo destas avelaneiras frondosas e quem formosa como nós formosas, se amigo amar, debaixo destas avelaneiras frondosas virá bailar.

Airas Nunes

(traduzido do galaico-português)

(Após a bailada, a música readquire o colorido da romaria, que se exacerba quando entra o Jogral. Este canta o romance de Dom Garcia acompanhado por música do género medieval.)

Jogral

(cantado)

— Enfermo, o Rei de Castela em cama de prata estava, de quanta riqueza tinha, só a alma lhe restava.

A alma entregava a Deus, o reino aos filhos deixava Enfermo, em cama de prata o Rei Fernando jazia.

Os reinos que acumulara pelos filhos repartia que a morte que já rondava melhor reino lhe oferecia.

(Estabelece-se o diálogo entre o rei moribundo e os filhos. A música deverá deslocar-se ligeiramente do tom medieval do romance para uma atmosfera de tragédia grega.)

(Recitado com acompanhamento orquestral)

D. Fernando

— Deixo a D. Sancho Castela, Castela la bien nombrada cinta de madeira seca, ombros de pedra lavrada.

D. Sancho

— Castela é flor varonil mas flor desacompanhada. Dai-me outras terras meu pai que a quero ver bem casada.

D. Fernando

— Se o meu coração de pai dividi por cinco filhos, por cinco herdeiros serão os meus reinos repartidos.

D. Sancho

(à parte)

Mal haja tal irmandade, falsa irmandade real que o primogénito afronta com justiça paternal! Mal haja arbítrio de pai, mal haja afeição avara que por muito querer juntar quanto mais une separa!

D. Elvira

— Ai de mim que sou mulher,
ai de mim, a deserdada!
Errarei de terra em terra
Por vexames passarei
E neles me lembrarei
Que por vós não fui lembrada.

D. Fernando

— Não te agastes Dona Elvira
Que também és filha minha
Deixo-te a jóia de Toro
que é jóia bem feminina
aljôfar que fica bem,
numa coroa de rainha.

D. Elvira

(à parte)

— Mal haja tão magro dote
se por jóia tão mesquinha
me hão ferir os espinhos
de uma coroa de rainha!

D. Fernando

— A meu filho Dom Afonso
deixo Leão e as Astúrias:
leão de bronze com juba
de verdejantes alturas.

D. Afonso

— Se por amor de outros filhos
meu património encurtais,
com esse leão de bronze
outras feras me deixais:

as feras da ambição
do sangue real que herdei.
Se do vosso amor sou filho
também sou filho de rei.

Sabei que a fera de bronze
que me deixais por herança
não simboliza a modéstia:
é sinal de intemperança.

D. Fernando

— Cinco filhos dei ao mundo,
todos me foram queridos;
já que na minha afeição
tal como os dedos da mão
sempre estiveram unidos,

depois da morte ceifar
o trigo já moribundo
destes meus cinco sentidos
num anel de cinco pedras
os quero ver reunidos.

D. Afonso

(à parte)

— Mal haja o rei de Castela
que o filho quase deserda.

No anel de cinco filhos
terá mais brilho que pedra!

D. Urraca

— Ai de mim, senhor meu pai,
ai de mim a olvidada!
No anel de cinco pedras
não me quereis ver engastada.

Como Elvira sou mulher
mas não me vi nomeada.
Resta-me só este corpo
pois não me destes mais nada.

Dá-lo-ei a quem pagar
corpo de infanta delgada
e com o dinheiro farei
benesses por vossa alma.

D. Fernando

— Não digas tal, minha filha
não digas tal, Dona Urraca
infanta que vende o corpo
merecia ser queimada.

Não digas tal minha filha
que não foste deslembada,
pois que em terras leonesas
um rincão te destinava:

Zamora lhe dão por nome,
Zamora a bem cercada,
de um lado, a cerca o Douro,
do outro, penha talhada.

Quem ta roubar, minha filha,
se há-de caber-lhe Zamora,
minha maldição lhe caiba.

D. Urraca

(à parte)

— De herança tão apertada
já me aperta a gargantilha.
ó quem tal pai não tivesse
quem não fosse sua filha!

D. Garcia

— Já a flor da vossa vida
é pela morte desfolhada;
já pelas névoas do além
está a vossa voz velada
já entrais no outro mundo
sem neste me deixar nada.

Destes Castela a D. Sancho
Castela la bien nombrada;
a D. Afonso Leão
com Astúrias e Sanábria;
a Elvira destes Toro
jóia em Leão engastada;

a Dona Urraca Zamora,
Zamora, a bem cercada;

dais a vossa alma a Deus
e para mim não sobra nada.

D. Fernando

— Não me acuses Dom Garcia
que é vão o teu acusar.
Se a todos vós meu afecto

não mais pudera igualar,
prejudicar-te seria
o mesmo que a mim roubar.

Do meu tesouro te deixo
duas gemas de estimar
a Galiza que é a pomba
mais branca do meu pombal,

Portugal com olhos de água
e lusitanos cabelos
espalhados pelo mar.
Duas pérolas te deixo,
assim as saibas guardar.

(Orquestra *tacet*)
(Recitado a seco)

D. Garcia

— Se Portugal e a Galiza
Jóias são de ambicionar
não serão antes espinhos
do vosso estranho igualar?

Guardá-las juro, meu pai,
à fé de cavalaria
mas se alguém mas cobiçar
entrarei nessa porfia.

D. Fernando

— Antes ser pobre e vilão,
morrer em mísero catre
de tábuas desconjuntadas
que cadáver coroadado
expirando em cama de prata
legando ao mundo justiça
a que os filhos dão batalha.

Se o reino que vos confio
não mantiverdes unidos,
no frio sono da morte
não perderei o ouvido.

Maldição que vem da tumba
espada não é de parar;
empunha-a a mão de Deus
que a faz executar.

(A orquestra volta ao tema musical do Jogral, o qual
conclui o romance de Dom Garcia.)

Jogral
(cantado)

— Em sua cama de prata
o Rei Fernando expirava;

às galas do mundo vão
um débil fio o ligava:

era a esperança que os filhos
jurassem manter unido
o reino que lhes deixava.

Todos disseram: ámen
mas só a boca falava;
outra secreta palavra
a alma pronunciava.

Todos disseram: ámen
Era o que o rei esperava
para cingir a coroa
que a morte lhe destinava.

(Orquestra; clima musical dramático, suportando o tom
grave do coro.)

Coro
(cantado)

— Na cova acariciando
a flor da tua justiça
ó flor de feitos daninhos!
A teus filhos, rei Fernando
da flor, deixaste os espinhos.

2.ª parte

Jogral
(cantado)

— Deitado em nuvem de prata
o rei Fernando dormia.
Chegou um anjo assustado
com o mal que na terra vira
e acordando o rei Fernando
más novas lhe transmitia.

Anjo
(recitado)

— Acorda Fernando acorda
que nos campos de Lhantada
pelas lanças de Afonso e Sancho
foram as juras quebradas.

Coro
(recitado com acompanhamento)

— Não acordes Rei Fernando
não queiras voltar à vida
que Lhantada é o começo
de uma luta fratricida.

Jogral
(cantado)

— Três anos eram passados
três achas secas, raivosas
que o incêndio da discórdia

mais haviam de atear
Três anos eram passados
de novo os irmãos pelejam
nos campos de Volpejar.

Anjo
(recitado)

— Acorda Fernando acorda
De Sancho detém a sanha
que Afonso faz prisioneiro
e assusta as terras de Espanha.
Mas o vento mandadeiro
que nenhum guerreiro apanha
diz que Afonso se acolheu
à proteção da moirama.

Coro
(cantado)

— No teu sono, Rei Fernando,
da herança que deixaste
cravam-se os cinco punhais.
Não acordes Rei Fernando
que acordas tarde demais.

Jogral
(cantado)

— Flor de sangrenta irmandade
por D. Sancho desunida,
já outra pétala treme
com medo de ser colhida.
Qual há-de ser essa pétala?
Por mais fácil a mais fraca:
às setas de Sancho oferece
Zamora o peito de pedra
para defender D. Urraca.

Anjo
(recitado)

— Acorda Fernando acorda
que a bem cercada Zamora
é agora a mal cercada
Cercam-na as setas de Sancho
que o ódio tem por aljava.
Acorda Fernando acorda
Quem vence leão de bronze
Vence águia em pedra talhada.

Coro
(recitado)

— Saibam quantos são nascidos
que da maldição paterna
vai soar a hora exacta.
(cantado)

Eis que acorda o rei Fernando
em sua nuvem de prata.

Jogral
(recitado)

— Eis que acorda o rei Fernando
e ao ver de Sancho a cobiça
desrespeitar-lhe a herança
com a sua maldição
arma a mão de um cavaleiro
dando-lhe a forma de lança.
Jaz D. Sancho lanceado
Pela paterna vingança.

Coro
(cantado)

— Prostrado em nuvem de prata
a alma desfeita em lágrimas
lastima-se o rei Fernando.
Com o seu lenço de estrelas
o Anjo as vai enxugando.

Jogral
(cantado)

— Já Zamora é libertada
Deixa Afonso o seu degredo
lá na gaiola mourisca
da cidade de Toledo.
De Leão retoma a coroa
que lhe fora arrebatada
e acrescenta-lhe Castela
Castela la bien nombrada
que com a morte de D. Sancho
os reinos lhe dilatava.

Coro
(cantado)

— Reinos que se dilatam
E que outros farão minguar!
Ai reinar de D. Garcia!
De cuidados é teu trono
E teu ceptro suspeitar.

D. Garcia
(recitado)

— Ai de mim, tamanho dote
não se alcança sem cuidar!

D. Elvira
(recitado)

— Bom conselho te daria
se o quiseres escutar.
Juntos Leão e Castela
pela saudosa Galiza
se põem a suspirar;
que já três laranjas gémeas
foram no mesmo pomar.

D. Garcia
(recitado)

— Renego de ti meu pai
que as foste separar!

D. Elvira
(recitado)

— Desígnios do nosso pai
Tu os deves acatar.
Pega em armas contra Afonso
antes de ele as empunhar
para os reinos outrora unidos
novamente unificar.

D. Garcia
(recitado)

— Temo a maldição do pai
que em sua nuvem de prata
terá um mau despertar.

D. Elvira
(recitado)

— Em sua nuvem de prata
teu pai te há-de abençoar
vendo que tão bem conservas
o que te deu a guardar.

D. Garcia
(recitado)

— Ai bem amada Galiza
por teus olhos portugueses
está o coração de Afonso
em Castela a palpar!
Às armas contra o irmão
Que me quer atraicoar!
Às armas por ti Gaíza
por quem parte a guerrear.
Vai dizendo ao mar de Vigo
que quando vitorioso
aos teus braços regressar
paramentado de estrelas
ele nos há-de casar.

Coro
(cantado)

— Flor de sangrenta irmandade
cinco pétalas de perigo.
Rei Garcia, ai rei Garcia
Não digas que não te digo.

Jogral
(recitado)

— Apregoadas as guerras
foi pelejar D. Garcia,
ia de esporas douradas
e vestido de alegria.
Como o resplendor do sol
sua espada reluzia
mas por mais que reluzisse
não ganhava nem perdia.

(A voz de uma virgem que é a voz da terra galego-portuguesa,
saudosa de D. Garcia que foi fazer guerra ao irmão:)

Soprano (solo)
(cantado)

— Ai ondas do mar de Vigo,
se vistes o meu amigo,
Dizei-me: voltará cedo?

Ondas do mar levantado
se vistes o meu amado,
Dizei-me: voltará cedo?

Se vistes o meu amigo
aquele por quem suspiro
Dizei-me: voltará cedo?

D. Urraca
(recitado)

— Com raiva estás D. Afonso
rasgando teu coração.

D. Afonso
(recitado)

— Com raiva não vejo o fim
a guerras sem solução.
De reinar é esta a arte
O irmão contra o irmão
e mortos de parte a parte.

D. Urraca
(recitado)

— Se tu ouvidos me deras
o conselho te daria
de mandares uma embaixada
com uma proposta de tréguas
a nosso irmão D. Garcia.

D. Afonso
(recitado)

— Essas tréguas D. Urraca
pouca duração teriam.
E enquanto desirmanados
forem os reinos que outrora
a mão de meu pai unia,
para os filhos do rei Fernando
não há paz nem harmonia.

D. Urraca
(recitado)

— Essas tréguas D. Afonso
melhor trégua ocultariam
que vindo ele ao teu encontro
a prisão encontraria.

D. Afonso
(recitado)

— Temo a maldição do pai
que em sua nuvem de prata
outra vez acordaria.

D. Urraca
(recitado)

— Antes temesses amores
que o vestem de alegria.
Está Garcia enamorado
de uma donzela velida
que os olhos tem portugueses
e o nome tem de Galiza.
Jurou que apenas voltasse
com ele se casaria.
Tão fértil árvore de amor
Dará frutos de eleição.

D. Afonso
(recitado)

— Ter herdeiros D. Garcia!
Isso não! Unificar
os reinos outrora unidos
nunca mais conseguiria.
Já não temo de meu pai
o castigo parricida.
Quem começou esta guerra
não fui eu. Foi D. Garcia.

Mensageiro
(recitado)

— Da parte de D. Afonso
cartas trago redigidas
com afeição fraternal.

D. Garcia
(recitado)

— Que me quer, ó mensageiro
Esse irmão tão desleal?

Mensageiro
(recitado)

— Que acabem as vossas guerras
tão brutais e contumazes.
Um encontro vos propõe.
Tempo é de fazer as pazes.

D. Garcia
(recitado)

— Tempo é de pormos fim
a guerras sem merecimento.
Nada perco em avistar-me
com Afonso e averiguar
se é honesto o seu intento
Está agora a bem-amada
em sua estação florida.
Tempo é de repousar
nos braços da doce amiga.
Pela vida troco a morte!
Cesse a noite e venha o dia!

Jogral
(cantado)

— Por Maio era por Maio
quando os campos estão em flor
o Maio dos namorados
que vão servir o amor
quando canta a cotovia
e responde o rouxinol
quando o trigo solta ao vento
suas madeixas de sol,
dirigiu-se D. Garcia
ao encontro do irmão.
Voava que não corria
quando a meio do caminho
sentiu no rosto um clarão
de espadas que reluziam
com um luar de traição.

D. Afonso
(recitado com acompanhamento orquestral)

— A vida quero poupar
a meu irmão D. Garcia
que se o próprio irmão matara
a maldição de meu pai
meus dias não pouparia.
Seja o castelo de Luna
seu túmulo, a tumba fria
de um vivo, sua prisão
perpétua, sua agonia.
Do pai assim executo
a implacável sentença,
à prisão sentenciando
aquela que começou
a fraternal desavença.
Do pai assim se repõe
a antiga magnificência
dos reinos outrora unidos
que estando desirmanados
motivo são de discórdia
fratricida e mal-querença.

Coro
(cantado)

— Chorai rios, chorai ondas
Ai ondas do mar de Vígo!
Chorai choupos de Coimbra
que não volta o vosso amigo!
Jaz no castelo de Luna
Mortalha de um morto-vivo.

D. Garcia
(recitado)

— O enganoso reinar
Ó reinar cheio de enganos.
meus erros que foram tantos
quantos foram os meus sonhos
meus intentos de acertar,
na conta do rei Fernando
os devíeis debitar
pois eles me foram danos
dos erros que fui herdar

Coro
(cantado)

— A Galiza e Portugal
são dois jardins de água fria
água fria de chorar.
Rei que não guarda o seu reino
nunca devia reinar.

D. Garcia
(recitado)

— Subi à torre mais alta
dum enganoso reinar
nunca tão alto me vi.
Porque a torre era tão alta
tive tonturas, caí.
Vive tu meu Portugal
vive tu minha Galiza,
vive tu que eu já morri.

Coro
(cantado)

— O tempo do teu reinado
deixou no vento espalhado
o breve aroma das rosas.
Rei Garcia, ai rei Garcia!
As loucuras foram tuas
só as saudades são nossas

FIM

Texto do libreto cedido por:
António Costa, Diretor Musical
das Récitas da Cantata Cénica *Dom Garcia* em 2024
Revisão de **Ana Pinto Mendes**, **Bernardo Mariano**, **Jorge**
Carvalho Alves, **Paulo Enes da Silveira** e **Nicolás Isas**

Biografias



Joly Braga Santos (1924-1988)

Compositor português, José Manuel Joly Braga Santos nasceu em Lisboa. Com um talento musical inato, começou a ouvir música muito cedo, ainda com tenra idade. Adorava que lhe oferecessem instrumentos musicais e o seu pai, apercebendo-se da sua vocação, levava-o aos concertos e à ópera. Aos cinco anos, teve o seu primeiro contacto

com o violino. A sua paixão por este instrumento parecia conduzi-lo inevitavelmente a uma carreira de violinista profissional. Chegou a estudar violino e composição no Conservatório de Lisboa, tendo como professor Luís de Freitas Branco. Como o seu aluno mais talentoso, Joly foi evidentemente influenciado pelo seu tutor. Ainda jovem, e impossibilitado de aceder a outras culturas musicais pelo clima de guerra em que se vivia, Joly inspirou-se nas mais puras raízes musicais portuguesas, tendo como referência a obra do seu mestre. Deste período resultaram as suas primeiras quatro sinfonias. Conseguiu uma bolsa para estudar musicologia, composição musical e direção de orquestra em Itália. Aí teve aulas com Virgílio Mortari, Gioachino Pasqualini, Alceo Galliera e Hermann Scherchen, cujo Curso Internacional de Regência frequentou com Luigi Nono e Bruno Maderna. Regressou a Portugal, onde atingiu lugar de destaque na direção de orquestra, passando a compor bastante menos do que habitualmente. Em 1965 começou a compor a *Quinta Sinfonia*, aquela que seria a sua mais famosa obra. O seu contacto com a cultura europeia, enquanto estudante em Itália, fez Joly ficar familiarizado com uma nova tendência musical, resultante do pós-guerra. Assim, neste período, compôs a ópera *Trilogia das Barcas*, obra caracterizada por uma aspereza não muito sua, fruto das influências europeias. Joly Braga Santos ocupou vários cargos ao longo da sua extensa carreira, entre os quais Diretor da Orquestra Sinfónica do Porto, Maestro Assistente e de Captação da Orquestra Sinfónica da RDP e professor de Composição do Conservatório Nacional de Lisboa. Em 2024, a *Dom Garcia – Cantata Cénica* comemora o centenário do seu nascimento.



Natália Correia (1923–1993)

Poetisa, ficcionista, autora dramática e ensaísta, natural dos Açores, facto que levou a insularidade a tornar-se uma linha de força presente em todo o seu percurso literário. Realizou estudos secundários em Lisboa. Figura marcante da cultura e da literatura portuguesas contemporâneas, Natália Correia distinguiu-se também pela sua atividade política,

tendo exercido, com a mesma irreverência que pauta toda a sua existência, o cargo de deputada. Escritora que

manteve uma posição de independência relativamente a modelos e movimentos literários, embora seja, mesmo aceitando que são poucos os “exemplos que podemos colher na sua poesia de uma aproximação da sua parte a procedimentos estilísticos típicos dos surrealistas”, frequentemente associada ao Surrealismo, “pela defesa de um estatuto de ativa insubmissão para o poeta, pela identificação com as tradições culturais marginalizadas pelos poderes instituídos ao longo dos tempos” e “pela acentuação da dimensão mágica da poesia”. A compreensão da literatura como ato de rebeldia e de insubmissão face a todos os poderes instituídos e institucionalizados (inclusivamente o literário), nutre, assim, uma expressão poética imaginativa e sugestiva pelo seu poder de metaforização, impetuosa, ditirâmbica e cósmica, alimentada pela visceral revolta contra o homem “funcionário / da sua adiada escória”. A busca de uma voz pura e liberta, anterior ou à margem de conceptualizações redutoras e de acomodações burguesas, resulta num diálogo intertextual com uma tradição literária que vai da lírica galego-portuguesa (“sagrada raiz do nosso lirismo”), até ao mergulho, através da “sofreguidão ôntica do soneto”, na arte poética romântica (*Sonetos Românticos*), e até ao diálogo intertextual com Camões ou Pessoa, na busca de um sentido para o devir da nação portuguesa. Buscando uma “Poesia em cuja ânfora o mundo / recolhe o pólen da sua idade de ouro”, Natália Correia entende, deste modo, “a poesia como substância mágica desorbitada da sua funcionalidade primitiva, que o poeta desespera por restituir à sua natureza orgânica primordial, a fim de a tornar eficaz na recriação do mundo”. Pela sua ousadia verbal e temática Natália Correia foi impedida de publicar algumas das suas obras durante o regime salazarista, como é o caso das peças *A Pécora* e *O Encoberto*, violentas desmistificações de alguns dos mitos nacionais, onde o lirismo e a sátira se fundem no poder exorcizante da palavra.



David Mourão-Ferreira (1927–1996)

Escritor português, nasceu em Lisboa. Licenciou-se em Filologia Românica em Lisboa, onde chegou a ser professor catedrático, organizando e regendo, entre outras, a cadeira de Teoria da Literatura. Da sua obra poética, cuja poesia se distingue pelo lirismo culto, depurado e subtil, destacam-se os seguintes livros:

A Secreta Viagem, *Do Tempo ao Coração*, *Cancioneiro do Natal*, *Matura Idade* e *Ode à Música*. Foi secretário de Estado da Cultura, diretor do diário *A Capital*; diretor do Boletim Cultural do Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian; diretor da revista *Colóquio/Letras*; presidente da Associação Portuguesa de Escritores e vice-Presidente da Association Internationale des Critiques Littéraires. A sua obra reparte-se pela poesia; pela crítica literária, como *Os Ócios do Ofício*, *Vinte Poetas Contemporâneos*,

Hospital das Letras ou *Lâmpadas no Escuro*; pelo ensaio; pela tradução; pelo teatro; pelo romance; e também pelo jornalismo. Embora os seus primeiros poemas datem de meados dos anos 40, a sua atividade poética começou a ganhar relevo quando foi codiretor, a par com António Manuel Couto Viana e Luís de Macedo, da revista *Távola Redonda* (1950-1954), que, sem apresentar programa ou manifesto, se orientava para uma alternativa poética à poesia social, baseada na “revalorização do lirismo”, exigindo ao poeta “autenticidade e um mínimo de consciência técnica, a criação em liberdade e, também, a diligência e capacidade de admirar, criticamente, os grandes poetas portugueses de gerações anteriores a 1950. Foi no primeiro volume da Coleção de Poesia das Edições “Távola Redonda” que publicou a sua primeira obra poética, No poema *Dos Anos Quarenta*, relembra leituras nessa etapa de iniciação poética: Proust, Thomas Mann, Rilke, Apollinaire, a “constelação pessoal”, Álvaro de Campos, “E Régio Miguéis Nemésio”, bem como as circunstâncias que rodearam essa descoberta, como o “despertar do deus Eros”, a guerra, a queda dos fascismos e a perseverança da ditadura salazarista. A obra de David Mourão-Ferreira foi várias vezes reconhecida com: Prémio de Poesia Delfim Guimarães, 1954, para *Tempestade de Verão*; Prémio Ricardo Malheiros, 1960, para *Gaivotas em Terra*; Prémio Nacional de Poesia, 1971, para *Cancioneiro de Natal*; Prémio da Crítica da Associação Internacional dos Críticos Literários para *As Quatro Estações*; e, para *Um Amor Feliz*, os prémios de Narrativa do Pen Clube Português, D. Dinis, de Ficção do Município de Lisboa e o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. Ao autor foi ainda atribuído, em 1996, o Prémio de Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores.



© Duarte Ramos

Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública

A Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública teve origem num agrupamento de elementos policiais com conhecimentos de música que pertenciam ao então Comando Distrital da PSP de Lisboa - atual Comando Metropolitano. A partir de 1979, sob a Chefia do Major Silvério de Campos, aquele agrupamento passou por um desenvolvimento artístico que permitiu constituir uma Banda Sinfónica oficial. Atuou nos mais distintos auditórios nacionais, tais como: Teatro Nacional de S. Carlos, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural de Belém, e participou em programas de Rádio e Televisão. Foi pioneira na gravação regular de suportes áudio para editoras nacionais e estrangeiras, tendo gravado 19 CD para a etiqueta holandesa Molenaar. Foi a primeira Banda das forças de segurança e militares a integrar nos seus quadros elementos do sexo feminino. Internacionalmente, representou o país e a Polícia de Segurança Pública, em 1997, no 7.º Festival Internacional de Bandas, em Saumur, França, tendo sido eleita como a “Banda Oficial” daquele Festival entre as 11 Bandas dos vários países participantes e onde obteve os mais eloquentes elogios. Em 2000, participa no 5.º Festival Internacional de Bandas, realizado em Saint-Étienne,

atuando no teatro Massenet. Tem em atividade, o Grupo de Metais da Banda Sinfónica da PSP, o Trio de Câmara e o Quinteto de Sopros, Duo de Piano e Voz e recentemente foi criado o POP Trio BSPSP. Promove os Concertos de Palmo & Meio®, direcionados para um público cuja faixa etária vai desde os seis meses de idade aos seis anos. A Banda Sinfónica da PSP conta com um quadro de músicos de elevada formação artística, académica e profissional, coordenados pelo atual Chefe em Exercício e Diretor Artístico, Subintendente Ferreira Brito, coadjuvado pelo Subcomissário Pedro Ferreira, para continuar a servir a Polícia de Segurança Pública e Portugal.



Coro Sinfónico Lisboa Cantat

Dirigido desde 1986 pelo maestro Jorge Carvalho Alves, é o herdeiro natural do coro fundador da Associação Musical Lisboa Cantat: o Coral

Caminhos Novos, nascido em 1977, que, mais tarde, se passaria a chamar Coral Lisboa Cantat. Na década de 1990, adotou-se então a designação Coro Sinfónico Lisboa Cantat para, paulatinamente, se alcançar a formação sinfónica que apresenta hoje, com cerca de 80 elementos. Destaca-se neste contexto a parceria já longa com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, mas o Coro Sinfónico Lisboa Cantat (CSLC) tem-se apresentado também com outras orquestras de grande qualidade como a Orquestra Sinfonietta de Lisboa, a Orquestra Sinfónica Portuguesa ou a Orquestra XXI com obras como a *Missa Solemnis* de Beethoven ou *A Criação* de Haydn, passando por *A Sea Symphony* de Vaughan Williams ou *A Paixão Segundo São João* de Bach, tendo mesmo sido coro associado do Centro Cultural de Belém na temporada de 2010/11. Foi dirigido por maestros nacionais e estrangeiros, como Cesário Costa, Osvaldo Ferreira e Vasco Pearce de Azevedo ou Enrico Onofri, Leonardo García Alarcón e Theodor Guschlbauer. Apesar desta forte vertente sinfónica, o CSLC trabalha também repertório *a capella*, tanto nacional como estrangeiro. Neste contexto, considera extremamente importante a aposta na música e nos compositores portugueses, pelo que é com orgulho que contribui para o projecto que a Associação Musical Lisboa Cantat tem promovido nos últimos anos no sentido de gravar harmonizações por compositores portugueses contemporâneos, bem como a integral da obra coral a capella de Fernando Lopes-Graça. No que toca às atuações *a cappella*, participa em concertos no âmbito de eventos e festivais a convite de diversas entidades, bem como por sua própria iniciativa, com especial destaque para o ciclo de concertos Coros do Mundo em Lisboa. Deslocou-se em digressões ao estrangeiro: Espanha, França e Alemanha. Participou em encontros, festivais e concursos internacionais: Cantonigròs, Espanha; Florilège Vocal de Tours, França (4.º lugar, 2002); Azores Choir Festival, Açores, Comemorações dos 600 Anos da Conquista de Ceuta; Montreux Choir Festival, Suíça — Menção Honrosa – Très Bien, Frankfurt am Oder, Alemanha.



Escola de Dança do Conservatório Nacional

O Conservatório Nacional de Lisboa, a funcionar desde 1839, está localizado num edifício do século XIX, em pleno centro histórico da cidade. Embora a disciplina de Dança fizesse desde logo parte do programa educativo original, integrada e relacionada com as outras disciplinas artísticas, a estrutura atual de funcionamento da Escola de Dança só foi implementada em 1987. Esta é uma escola totalmente pública, que integra as disciplinas de dança, assim como os estudos na área de formação geral, do 2.º ciclo até ao fim do Ensino Secundário. Na segunda metade do século XX, a importância desta arte na cena cultural portuguesa desenvolveu-se de forma bastante significativa, culminando com a criação do Ballet Gulbenkian e da Companhia Nacional de Bailado, sendo que muitos dos bailarinos e coreógrafos envolvidos neste movimento contribuíram igualmente para o desenvolvimento e a consolidação da Escola de Dança do Conservatório Nacional (EDCN). Desde então, bailarinos e coreógrafos portugueses têm vindo a alcançar uma importante reputação no cenário da Dança Contemporânea Europeia, o que tem tido um enorme impacto no sucesso da nossa escola, assim como no dos nossos alunos. Temos orgulho no facto de os bailarinos formados pela EDCN integrarem elencos de importantes companhias de Dança, ou de trabalharem com coreógrafos de renome, tanto em Portugal, como no estrangeiro. Nesta perspetiva, a escola tem um programa de estudos fortemente baseado em Técnica de Dança Clássica, assim como em Técnica de Dança Moderna, com base na Técnica Graham, e, mais recentemente, com a introdução de Técnicas Contemporâneas relacionadas com o movimento americano Pós-Modernista.



© PENE5

António Costa

Nasceu em Alvarenga, Arouca. O seu interesse pela música começou em tenra idade na Banda Filarmónica de Santa Cruz de Alvarenga, onde recebeu ensinamentos do Padre Rui Botelho. Em 1971, ingressou na Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana. Estudou no Conservatório Nacional de Lisboa, tendo como orientador na disciplina de trompa o professor Adácio Pestana. Em 1976 representou Portugal na Orquestra Internacional da Juventude na Bélgica. Foi 1.º trompa na Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa, apresentando-se também como concertista. Em 1982, a convite do Teatro Nacional de São Carlos, interpretou o solo de trompa do 2.º ato da ópera *Siegfried* de Richard Wagner. Como trompista, apresentou-se em vários palcos nacionais e internacionais, destacando-se Itália, Áustria, Macau, Brasil, Moçambique, Guiné e Cabo Verde. Também colaborou, por diversas vezes, com a Orquestra Gulbenkian. Em 1989, a convite do maestro

Claudio Scimone, integrou a Orquestra "I Solisti Veneti" para a gravação em CD da ópera *Zelmira* de Rossini. Realizou diversas gravações e transmissões diretas de concertos para a RDP Antena 2, RTP1, RTP2 e RTP Açores. Apresentou-se em recitais com as pianistas Gabriela Canavilhas, Olga Prats e Carla Seixas. Foi professor no Conservatório Nacional de Lisboa e na Escola Profissional de Artes da Beira Interior (Covilhã). Com o Quinteto "Solistas de Lisboa" gravou em CD obras de compositores portugueses do séc. XX. Para a coletânea *Música de Câmara de António Vitorino d'Almeida* gravou, entre outras obras, a *Sonata Vienense para Trompa e Piano*, estreada em Viena (Musikverein), a qual lhe foi dedicada pelo autor. Com Ana Ferraz e Gabriela Canavilhas gravou o CD *Vocalizos*. Estudou direção de orquestra com o maestro Manuel Ivo Cruz. Foi subchefe da Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana, com a qual realizou, entre outros, o Concerto de Encerramento do Festival Internacional de Música de Coimbra (2003), tendo como solista a mezzo soprano Liliana Bizineche. Em 2005, dirigiu o Concerto Comemorativo dos 170 anos do Conservatório Nacional de Lisboa com a Orquestra desta instituição, executando a *Cantata Cénica Dom Garcia* de Joly Braga Santos. Em 2008, 2010 e 2012 regeu a Orquestra Sinfónica de Santos (Brasil), com programas integralmente dedicados a alguns dos mais célebres compositores portugueses. Entre 2009 e 2018, dirigiu os concertos Sons da Água, realizados na Praia Fluvial da Paradinha, em Alvarenga, Arouca.



Jorge Carvalho Alves

Iniciou a sua carreira como Diretor Coral com o Coro de Câmara Syntagma Musicum, grupo que fundou em 1985 e com o qual obteve o primeiro prémio no concurso Novos Valores da Cultura – Música Coral em 1988, atribuído pela Secretaria de Estado da Cultura. A sua atividade enquanto Diretor Coral desenvolveu-se com grupos de todo o continente e ilhas. Em 2015, fundou o Coro Infantil Lisboa Cantat (CILC), o Ensemble Vocal da Universidade de Lisboa (EVUL) (2015-16) e, em 2017, o Coro Juvenil Lisboa Cantat. Desde setembro de 2016, dirige a Chorale Concordia de Erpeldange, o Ensemble Vocale Cantica e a Chorale de Gilsdorf, no Luxemburgo. Dirigiu em estreia nacional a *Missa Cubana* de José Maria Vittier e a *Cantata para un Silencio* de Daniel Schvets, além de diversas obras de compositores portugueses contemporâneos. Gravou para a RDP, a RTP e a SIC diversos programas musicais, com destaque para a participação no programa Câmara Clara, em 2008, dedicado à atividade coral em Portugal, o concerto de estreia dos 6 Órgãos da Real Basílica de Mafra, os concertos com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e o Coro Sinfónico Lisboa Cantat com a *Missa Solemnis* de Beethoven, *Porgy & Bess* de Gershwin, *Requiem* de Verdi, 3 edições da Gala da APCL com a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Orquestra Sinfonia Varsóvia, bem como a Gala de Ópera da Universidade de Lisboa, em 2013 e 2015, com o Coro da Universidade Técnica

de Lisboa. Paralelamente à sua carreira de direção coral, desenvolve atividade como cantor, enquanto membro do Coro da Universidade de Lisboa de 1980 a 1983, reforço no Coro do Teatro Nacional de S. Carlos nas temporadas de 1984 a 1988, ano em que ingressou no Coro da Fundação Calouste Gulbenkian (1988-2001). De 1993 a 1996, participou no projecto Coro Gregoriano de Lisboa, com o qual efetuou digressões em Portugal e no Japão. Em 1998, passou a integrar o grupo vocal masculino Tetvocal, com o qual participou em concertos por todo o território nacional e em diversas digressões ao Brasil, Tailândia e China. Colabora regularmente em estágios corais para jovens em Portugal e no estrangeiro. Lecionou as disciplinas de Coro e Formação Musical no Conservatório Regional da Covilhã, na Escola Profissional de Música de Évora e em diversos estabelecimentos de ensino.



Fernando Gomes

Considerado um dos valores mais sólidos do teatro independente, do qual foi um dos precursores em 1976, ao fundar, com António Feio, o Teatro Aquarius. Pioneiro do movimento Café-Teatro nos anos 80. Todavia, foi como encenador que deixou marcas no panorama teatral, assumindo a direção de peças como *A Marmita de Papin* (1990), *O Marido Vai À Caça* (1991),

O Quiosque (1992) e *Viagem ao Centro do Porto* (2001). Popularizou-se com a série infantil *Rua Sésamo*, na década de 90. Diretor da produtora teatral Klassikus, Fernando Gomes criou, dirigiu e interpretou espectáculos como *O Estranho Caso da Tia do Melro* (1994), *A Tragédia*, a partir de Almeida Garrett (1996), *Viva o Casamento*, a partir de *Alves & Cia.* de Eça de Queirós (2001), *A Vida Trágica de Carlota a Filha da Engomadeira* (2002), a partir do romance de Camilo Castelo Branco, *Coisas Espantosas*, *Drakula.com* (2003), *Divina Loucura* (2003), *Romeiro Romeiro Quem és Tu Ninguém – uma volta a Garrett em 80 minutos* (2005), entre outros. Escreveu para o Centro Dramático de Viana a peça *Mas Afinal Quem És Tu, Ó Dona Maria da Fonte?* (2008). Fez parte do elenco do musical *Cabaret*, no Teatro Maria Matos. Escreveu e encenou *O Elixir do Amor*, no Teatro da Malaposta. Ator de televisão, foi dirigido por Artur Ramos no teatro filmado em *Dulcineia* (1989) e *A Visita da Velha Senhora* (1994). Fez aparições esporádicas em televisão em teledramáticos e séries como *Rua Sésamo* (1990) e *Malucos do Riso* (1997-2002), bem como na telenovela *Lusitana Paixão* (2003). Teve participação em variadas séries e novelas, como *Camilo na Prisão* (1998), *Lusitana Paixão* (2002), *A Minha Família é uma Animação* (2001/03), *Os Malucos nas Arábias* (2005), *Mistura Fina* (2004/05), *Floribella* (2006) ou *Louco Amor* (2012). No cinema teve participações em *A Vida é Bela?!* de Luís Galvão Teles (1982), *Jogo de Mão* de Monique Rutler (1984) e *Uma Cidade Qualquer* de Joaquim Leitão (1994). Atualmente está trabalhando na peça de comédia *Feliz Aniversário* de Marc Camoletti, com adaptação e encenação de João Baião e Frederico Corado.



© Rolf K. Wegst

Nicolás Isasi

Nasceu em La Plata, Argentina. Aos 10 anos começou a estudar saxofone no Conservatório Gilardo Gilardi, chegando a tocar em vários grupos orquestrais. É Diretor de Cinema formado pela Universidad del Cine e Opera Regié formado pelo Instituto Superior de Arte do Teatro Colón e já trabalhou em mais de 80 produções de cinema e ópera. Obteve uma bolsa da

Ibermedia, para participar no Seminário de Direção de Atores, ministrado pela EICTV em Tenerife. Fez a sua estreia na ópera com *Le Nozze di Figaro* em junho de 2012 para a Opera Joven em Buenos Aires. A sua tese de graduação no Teatro Colón foi a estreia na Argentina da ópera *Treemonisha* de Scott Joplin para OID OPERA no Teatro Empire. Foi assistente de encenação de grandes diretores com quem trabalhou na Argentina, Espanha, Portugal, Itália e Polónia. É membro investigador do CIJVS e por mais de uma década trabalhou como Professor Adjunto e JTP de Direção de Arte e na Oficina de Cenografia da Universidad del Cine nas cadeiras dos cenógrafos e figurinistas Ponchi Morpurgo e Eduardo Lerchundi. Em 2018 participou no TACT em Itália, e fez uma digressão europeia pela Eslovénia, Alemanha, Irlanda e Espanha. Escreveu mais de 500 críticas de arte, publicadas em diversos livros, revistas e jornais nacionais e internacionais. Em 2019 chegou às semifinais do Concurso Internacional Nano-Opera, organizado pelo Teatro Helikon em Moscovo, tornando-se um dos dez melhores jovens encenadores de ópera do mundo. O seu filme *Out of Mind*, sobre a pandemia, foi exibido em mais de 30 festivais internacionais de cinema e recebeu vários prémios. Estreou-se como encenador na Europa com a ópera *As Damas Trocadas* de Marcos Portugal no Teatro Vila Real para o Palácio de Mateus. O seu recente filme foi distinguido pela Ala d'Artistas em Mira de Aire. É um dos artistas selecionados para participar no Simpósio PQ 2024: Technologies in Theatre, Performance and Exhibition Design organizado pela Quadriennial de Praga de Performance e Space Design.



Catarina Moreira

Iniciou os estudos na Escola de Dança do Orfeão de Leiria e concluiu a Licenciatura e o Mestrado em Dança, na Escola Superior de Dança. Como bailarina intérprete, destacam-se as experiências profissionais como bolseira da Companhia Paulo Ribeiro e como bailarina integrante do elenco da Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo de

Lisboa, sob direção de Vasco Wellenkamp. Atualmente leciona Técnica de Dança Contemporânea na Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional (EADCN). Desenvolve, ainda, um trabalho de criação coreográfica, nos âmbitos nacional e internacional, em escolas, eventos, grupos de dança, na orientação de workshops e cursos, na preparação de alunos para concursos de

dança internacionais e integrando júris em competições. Trabalhou como convidada para: Conservatório de Dança de Macau, John Cranko School (Estugarda, Alemanha), Escola de Dança de Perm (Rússia), Staatliche Ballettschule Berlin, Associazione Europea Danza (Livorno, Itália), Passo de Arte (Brasil), Academia Vaganova de Ballet Russo (São Petersburgo, Rússia) e Boris Eifman Dance Academy (São Petersburgo, Rússia).



Luís Vieira-Baptista

Nasceu em Lisboa, em 1954. Por razões militares formou-se em Pilotagem no curso de Oficial Náutico da Marinha Mercante. Frequenta o curso de Desenho com Modelo Vivo na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Expôs individualmente pela primeira vez em 1975, na Galeria de Arte do Casino Estoril. Na década de oitenta foi viver para a Suíça,

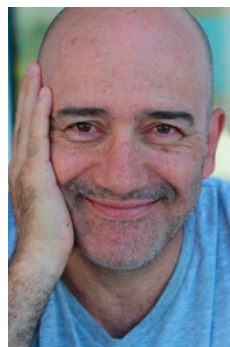
onde começou verdadeiramente uma carreira artística internacional. Regressou a Portugal em 1990 portador do conceito estético por si criado, o 'Visionismo', e formou dois grupos artísticos: O Visionista, onde foi apresentado em Manifesto a referida estética (Convento do Beato, Lisboa 1991), e o Artitude, vocacionado para intervir em espaços públicos e patrimoniais com instalações de grande impacto: *Castelo de Leiria (O Planeta Azul)*, *Mãe d'Água das Amoreiras, Lisboa, (Ninfas do Tejo e outras deusas)* e *A Divina Tragédia*, Museu de História Natural, em Lisboa. No ano 2000 foi lançado na Feira Internacional de Arte Contemporânea, o livro/álbum *Visionismo ou as Sincronias do Acaso*, pela Hugin Editores e em 2021 a Sociedade Estoril Sol editou *Sonhar Portugal*, referente às pinturas visionistas do séc. XXI. Em 2003 foi condecorado com a Medalha de Mérito Cultural, grau Ouro, pela C. M. de Oeiras depois de edificar o monumento escultórico *À porta do mar: Nave Visionista*. Desde 2017 que o Salão Nobre da Fundação Marquês de Pombal, Palácio dos Aciprestes, Linda-a-Velha, leva o seu nome: Salão Nobre Luís Vieira-Baptista. Fez mais de 50 exposições individuais e dezenas de mostras coletivas e de grupo. A sua mais recente teve lugar no Convento de Cristo, em Tomar, (*Telesma e os Cavaleiros do Mar*, 2023). As Câmaras Municipais de Lisboa, Oeiras, Cascais, Amadora, Sintra e Óbidos possuem obras suas, tanto em pintura como em escultura pública, assim como alguns organismos oficiais e privados, portugueses e estrangeiros, entre os quais se destaca o Príncipe Alberto II do Mónaco. É atualmente o Presidente da Associação David Melgueiro, visando a proteção dos Oceanos.



Maria Gonzaga

Nasceu em Portugal em 1951. Estudou Cenografia no Conservatório Nacional, seguindo-se uma Pós-Graduação de Design de Cena, em 2012. O seu multifacetado percurso profissional está ligado ao cinema, teatro e à televisão, principalmente na área do guarda-roupa, tendo

também sido atriz, maquilhadora e decoradora. A sua atividade como responsável de guarda-roupa conta já com mais de 45 participações entre filmes, séries e documentários. Em 2014 e 2019, venceu o Prémio Sophia na categoria de Melhor Guarda-Roupa com os filmes *Até Amanhã*, *Camaradas* – no qual também integrou o elenco enquanto atriz – e *Parque Mayer*. Para além do seu percurso no mundo do figurinismo e da cenografia, Maria Gonzaga é também um exemplo de empreendedorismo, tendo criado a sua própria marca e atelier, um espaço onde se encontram disponíveis todo o tipo de peças da autoria da própria, disponíveis para aluguer, quer para eventos ou para algum tipo de trabalho especializado. Em 2012, a Peris Costumes, marca espanhola de guarda-roupa especializado fundada em 1856 e responsável pelo guarda-roupa de milhares de produções internacionais, decidiu apostar na sua internacionalização para Portugal, sendo que uma das principais razões que motivou esta seleção foi exactamente o conhecimento do talento e do brio de Maria Gonzaga. Deste projeto de internacionalização resultou um trabalho conjunto, solidificado em 2016, que se mantém até aos dias de hoje.



José Raposo

Ator, dobrador e produtor. Nasceu a 3 de fevereiro no Dundo em Angola. Veio para Portugal, em 1976, para Lisboa. Fez uma audição para o Teatro Ádòque, onde fez o seu primeiro trabalho profissional aos 18 anos. Integrou a companhia onde começou por fazer teatro infantil com Francisco Nicholson. Participou em peças como *O Processo de Jesus*, de Diego Fabri no Teatro da Trindade, *Volpone* de Ben Jonson, no Teatro Aberto, *O Último dos Marialvas* de Neil Simon, na Casa da Comédia, *Os Portas* de John Godber, no TNDMII, entre outras. Em encenações de José Carretas protagonizou *Malaquias*, de Manuel de Lima, no TNDMII e no Teatro da Comuna, e participou em *Bolero*, de José Carretas e Manuel Cintra, no Teatro Villaret. Foi dirigido por Jean Jordheuil em *Germânia 3*, de Heiner Müller (CCB). Fez ainda teatro musical, participando em *Annie* de Thomas Meehan, sob a direção de Armando Cortez, no Teatro Maria Matos. Fez teatro de revista no Teatro Maria Vitória, Teatro Variedades e Teatro ABC. Criou, com Maria João Abreu, a produtora A Toca dos Raposos, em 1998. Em 2003, participou no espetáculo *Cada Dia a Cada Um a Liberdade e o Reino*, dirigido por Jorge Silva Melo, e trabalhou com Filipe La Féria em *A Rainha do Ferro Velho*, *Um Violino no Telhado* e *A Gaiola das Loucas*. Ator regular no cinema, participou em mais de 20 filmes e na televisão, integrando o elenco de várias novelas, telefilmes e séries. Ganhou o Globo de Ouro e o Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno como melhor ator de teatro, pelo musical *Um Violino no Telhado*, em 2009, Prémio Sophia de Melhor Actor Secundário de Cinema (2018), Melhor Ator Secundário de Cinema do Festival Caminhos do Cinema Português (2017) por *São Jorge*, Prémio Águila, na categoria de Cinema – Melhor Ator Secundário, com *O Leão da Estrela* (2016), Globo de

Ouro (Portugal) com o grupo Teatro Praga, de Melhor Peça/Espectáculo, com *Tropa Fandanga* (2015). Em 2022, recebeu da Câmara Municipal de Lisboa a Medalha Municipal de Mérito Cultura, no aniversário do 100.º aniversário do Parque Mayer.



© Joanna Correia

Mário Redondo

Mário Redondo é ator, cantor e encenador. Estudou teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema, e canto na Escola de Música do Conservatório Nacional. Trabalha desde 1992 em todas as áreas de atividade de um ator-cantor. Na área do teatro, destacam-se *O Misanthropo*, de Molière (Palácio Marquês de Tancos, 2009); *Ópera de Três Vinténs*, de Brecht/Weill (T.

Aberto, 2005); *Sweeney Todd*, de S. Sondheim (T. Aberto, 2007); *Evil Machines*, de Terry Jones (T.S. Luiz, 2008); *O Príncipe de Homburgo*, de Kleist (CCB, 2010); *O Fim Do Teatro* (Escola de Mulheres, fevereiro 2020); *A República Alexandrina* (C.C. Malaposta, 2022); e *The Cradle Will Rock* (T. Aberto, 2022). Em 2008 foi nomeado para o Globo de Ouro de Melhor Ator de Teatro pelo seu trabalho em *Sweeney Todd*. Trabalha ainda regularmente em cinema, televisão, dobragens e publicidade. Na ópera, destacou-se como Sam em *Trouble in Tahiti*, de Bernstein (França, 2003), Ivan Iakovlevitch em *O Nariz*, de D. Shostakovich (S. Carlos, 2006), Conde em *As Bodas de Fígaro*, de Mozart (T. Trindade, 2006), Angelotti em *Tosca*, de Puccini (S. Carlos, 2008); Monterone em *Rigoletto*, de Verdi (S. Carlos, 2013), Pangloss em *Candide*, de Bernstein (S. Carlos, 2013), Bonzo em *Madama Butterfly*, de Puccini (S. Carlos, 2015); e Barone em *La Traviata*, de Verdi (S. Carlos, 2018). Mantém atividade regular de concerto e recital, destacando-se *Night Waltz – a música de Paul Bowles* (CCB, 2007); *Lembrando as Heróicas*, com música de Lopes-Graça (T. Aberto, 2014); *Wonderful Town*, de L. Bernstein (S. Carlos, 2019), e *História do Soldado*, de Stravinsky – narração (Museu Nac. Teatro e Dança, 2021). Participou na estreia absoluta de várias obras de compositores portugueses, entre os quais Pedro Amaral, Daniel Schvetz, Luís Tinoco, Edward Luiz Ayres d'Abreu, José Eduardo Rocha e Luís Soldado. Encena teatro e ópera desde 1987, colaborando com instituições como o T.N. São Carlos, o Chapitô, o festival Zêzere Arts, a EMCN, e o GERADOR.



Leonor Seixas

Nascida em Portugal, começou por ser bailarina, frequentou o Conservatório Nacional de Dança de Lisboa, e organicamente passou para teatro, continuando assim nos palcos, mas numa área diferente, na Escola Profissional de Teatro de Cascais. Com 18 anos continuou os seus estudos para ser atriz por Nova Iorque, no Lee Strasberg Theater Institute. Três

anos depois, quando terminou o curso, foi logo escolhida para ser protagonista de um filme, e de uma telenovela.

O sucesso destes projetos fizeram Leonor trabalhar constantemente. Sentindo uma gratidão enorme, até aos dias de hoje, passa grande parte do seu tempo a fazer personagens interessantes, em filmes, telenovelas, séries, teatro, locuções, dobragens, anúncios, recitais de poesia, e performances. Já fez novelas, filmes e espetáculos no Brasil, e vive entre Portugal e Los Angeles. Teve muitas nomeações, e ganhou prémios em festivais importantes como Prémios Sophia, Prémios SPA, Globos de Ouro, Cinema Bloggers Awards, Valência Film Festival.



Sara Belo

Sara Belo é atriz, cantora, professora de voz e experimentalista vocal. É doutorada em Artes pela Universidade de Lisboa com a tese *A Voz como Impulsionador da Criação Cénica — a Pré-voz como Alicerce de um Teatro Vocal*. É também licenciada em Teatro (atores) pela Escola Superior de Teatro e Cinema onde é professora de voz desde 2004. Frequentou o

curso de Canto do Conservatório Nacional e terminou o mestrado em Estudos de Teatro da Faculdade de Letras, cuja tese incidiu sobre a voz do ator. Atriz e cantora de vários tipos de música (ópera, jazz, pop) trabalhou com os encenadores João Brites (Teatro O Bando), João Mota (Teatro da Comuna), João Lourenço (Teatro Aberto), Jorge Silva Melo (Artistas Unidos), Carlos Pessoa (Teatro da Garagem), Cláudio Hochman (Teatro da Trindade) e com os compositores/maestros Eurico Carrapatoso, João Paulo Santos, Pedro Carneiro, Carlos Marecos, Eduardo Paes Mamede. Tem tido uma colaboração frequente com os compositores Jorge Salgueiro, tendo participado em diversas obras/óperas suas tais como *Quixote*, *Saga*, *Salto*, *Quarentena*, *Almenara* e com Daniel Schvetz com quem gravou o CD *Canção de Vidro* lançado em Bruxelas em setembro de 2017. Como experimentalista vocal realizou diversos trabalhos nomeadamente no duo aCorda com Rizumik (prémio Jovens Criadores 2008 pelo CPAI) e a sua primeira criação em 2014 — MAGMA, solo vocal — no Teatro Meridional. Em 2022, foi Beatriz (como atriz/cantora) no último espetáculo a partir da trilogia de Dante, *Paraíso*, encenada por João Brites (Teatro O Bando), com música de Jorge Salgueiro, estreada no Teatro Nacional D. Maria II. Neste momento integra, como cantora e atriz, o elenco de *Orpheu* com texto original de Hélia Correia, dirigida pelo coreógrafo Pedro Ramos e a Ordem do Ó, estreado em 2023 e o espetáculo *Dionysos*, estreado em 2024, pelos mesmos autores.



Ricardo Raposo

Ricardo Raposo nasceu a 29 de outubro de 1992, em Lisboa. De 2007 a 2010 formou-se na Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo (Chapitô) no Curso de Interpretação e Arte Circenses. No Chapitô, trabalhou com professores como: José Carlos Garcia, Miguel Moreira, Francisco Salgado, Pedro Carraca e Cláudia

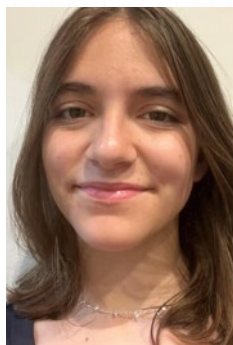
Nóvoa. Profissionalmente, estreia-se, em 2002, como ator na Telenovela *Tudo por Amor*. Também em televisão, já em 2012, residiu no elenco de sketches de *Paradoxo da Tangência*, apresentado por Eduardo Madeira, no Canal Q. Mais recentemente, protagonizou a telenovela *Amor Amor Vol. 2*, em 2021. Participou em espetáculos como *O Vale de Madalena Vitorino*, *Sangue* encenado por David Pereira Bastos, *Eu Conheço-te* encenado por Almeno Gonçalves, *Isto é que me Dói* encenado por Francisco Nicholson, *Casa de Campo* encenado por Frederico Corado, *O Aldrabão de Plauto*, encenado por João Mota, *A língua da Sogra*, com Florbela Queiroz, *Circo de Natal III*, com Tiago Vieira, *Aladino*, o *Musical* e *Amália*, o *Musical* de Filipe La Féria, *O Bairro das Águas Livres*, de Ana Lázaro, *The Cradle Will Rock*, encenado por João Lourenço, *Sonho de Uma Noite de Verão*, encenado por Diogo Infante e *Terror e Miséria no III Reich*, encenado por Jorge Ribeiro.



Pedro Saavedra

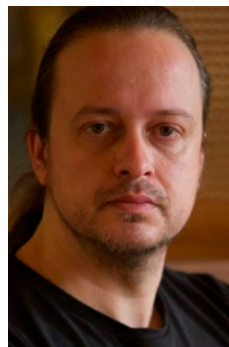
Formado em atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema, já exerceu a profissão que escolheu para a vida nas suas mais variadas vertentes. Em televisão, integrou o elenco de *Doce Fugitiva*, *Vila Faia*, *Perfeito Coração*, *Liberdade 21*, *A Noite do Fim do Mundo* e *Os Abutres*. Participou ainda em várias outras séries televisivas como *Rosa Fogo*, *Louco Amor*,

Laços de Sangue, *Conta-me Como Foi* ou *O Inimigo Público*. Em teatro, aprendeu com João Mota, Fernanda Lapa, Joaquim Benite, Carla Chambel, Joana Brandão, Joana Seixas, Rui Unas, Inês Castel-Branco, Ian Velloza, Adriana Moniz, Alexandre Ferreira, Rui Melo, Fernando Alvim, Joaquim Leitão, entre muitos outros. No mundo da voz, além de ser a voz da recente campanha da ZON, deu ainda voz a grandes marcas, como Jameson, Marshopping, Solgar, Azeite Gota, Lexus, Mebocaína, Fenistil, Continente, Staples, L'Oréal, e Bes. Foi professor de expressão dramática e diretor artístico de uma companhia de teatro da Amadora. Mais recentemente foi programador da estação de metro da Baixa-Chiado, em Lisboa, que recebia regularmente concertos e atividades culturais diversas.



Mariana Pereira

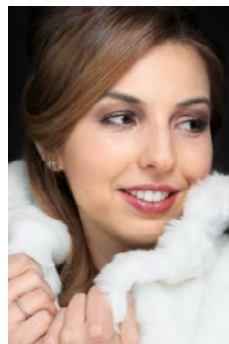
Mariana Pereira integra o Coro Infantil e Juvenil da Associação Musical Lisboa Cantat, desde os 8 anos de idade. Frequenta aulas de canto com a professora Carla Simões. Interpretou o papel de Julieta na peça *Romeu e Julieta*, numa versão livre, promovida pela Junta de Freguesia de Alvalade.



Marco Alves Dos Santos

Licenciado pela Guildhall School of Music & Drama (bolseiro Gulbenkian) apresentou-se em papéis operáticos como Tamino (*Zauberflöte*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Duca (*Rigoletto*), Die Hexe (*Hansel & Gretel*), Prunier (*La Rondine*), Almaviva (*Barbiere di Siviglia*), Acis (*Acis & Galatea*), Male Chorus (*Rape of Lucretia*),

Don Ottavio (*D. Giovanni*), Nemorino (*Elisir d'Amore*), Ferrando (*Così fan tutte*) e Conte Alberto em *L'Occasione fa il Ladro*. Em concerto destacou-se em Recitant (*L'Enfance du Christ*), Evangelista nas *Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão de São João* (Bach), e como tenor solista na 9.ª *Sinfonia* (Beethoven), *Messiah* (Handel), *Petite Messe* (Rossini), *Requiem* e *Missa da Coroação* (Mozart), *Serenade for Horn and Strings* (Britten), *Te Deum* (Bruckner) e *Carmina Burana* (Orff). Compromissos para a temporada 23/24 incluem os papéis de Goro em *M. Butterfly* e Dr. Caius em *Falstaff*, Fidalgo e Conde na *Trilogia das Barcas* para o TNSC, as árias de tenor da *Paixão de São João* de Bach e o *Requiem* de Mozart para a F.C. Gulbenkian e a parte de Jörgel da *Cantata Cénica D. Garcia* com estreia no CCB.



Bárbara Barradas

Bárbara Barradas nasceu em Lisboa. Estudou canto e piano na Escola de Música do Conservatório Nacional e, como bolseira da Fundação Gulbenkian, prosseguiu a sua formação na Guildhall School of Music and Drama, em Londres, onde se diplomou com distinção. Ganhou vários prémios nacionais e internacionais, incluindo o Prémio Bocage do Concurso de Canto

Luísa Todi (2005) e o 2.º Prémio da Guildhall Aria Award Competition (2009). Foi finalista no Concurso Leyla Gencer de 2012. Em 2014 recebeu o Prémio Donizetti (papel principal em *Lucia di Lammermoor*) no concurso Grandi Voci, em Salzburgo. No domínio da ópera, interpretou, entre outras obras: *Rigoletto* (Gilda); *D. Giovanni* (Donna Anna e Zerlina); *A Flauta Mágica* (Rainha da Noite); *Dido e Eneias* (Belinda); *Tiçã Negro* (Branca), de Augusto Machado; *As Bodas de Figaro* (Barbarina), com o Coro e a Orquestra Gulbenkian; *Il Viaggio a Reims* (Delia), de Rossini, e *O Gato das Botas* (Princesa), de Montsalvatge, no Teatro Nacional de São Carlos, *Carmen* (Frasquita), no Woodhouse Festival (Reino Unido). Participou também como cantora convidada no concerto de encerramento da temporada 2015/16 da Orquestra Gulbenkian e no Festival de Música de Almada (julho, 2016), no Festival Terras Sem Sombra com Divino Sospiro – Maestro Massimo Mazzeo com quem gravou recentemente em CD as obras *Las Últimas Palavras de Cristo en la Cruz* de Fajer e o *Stabat Mater* de Joaquim dos Santos. Integrou vários projetos nos Dias da Música no CCB. Participou também nos projetos Flanders Operastudio e Enoa. Em concerto e recital, atuou em vários palcos em Portugal e

no estrangeiro, incluindo: Fundação Gulbenkian, Centro Cultural de Belém, Fórum Luísa Todi, Ronnie Scott's Jazz Club e St. James Theatre (Londres), Henley Festival, Glyndebourne Chorus Opera Festival, Oper im Berg Festival (Salzburgo) e De Singel (Antuérpia).



Filipa Passos

Filipa Passos, natural de Lisboa, iniciou os seus estudos musicais aos seis anos de idade. Ao mesmo tempo que frequentou a licenciatura em medicina, estudou também no Instituto Gregoriano de Lisboa (IGL), onde terminou o Curso Complementar de Teclado (2004). Atualmente é Consultora de Ginecologia-Obstetrícia. Iniciou os estudos de canto com a Professora

Elsa Cortez, com quem concluiu o Curso Geral de Canto na Escola Luís António Maldonado Rodrigues. Foi aluna da professora Elsa Saque entre 2007 e 2015. Aperfeiçoa atualmente o canto com a Professora Sandra Medeiros. Em colaboração com o Coro de Câmara do IGL, representou os papéis de First Witch e Second Woman na ópera *Dido and Aeneas* de Henry Purcell, em Guimarães, sob a direção de Armando Possante. Representou o papel de Jovem Índia na ópera infantil *O Achamento do Brasil*, de Jorge Salgueiro, em colaboração com a Foco Musical. Apresentou-se também como solista com o Grupo Vocal Olisipo em diversas atuações. Representou o papel de Clarice na ópera *Il Mondo della Luna* de Avondano, com a Orquestra do Norte, sob a direção do maestro Jorge Matta (quarta edição das Noites de Ópera no Douro). É membro do Coro Gulbenkian desde outubro de 2003 tendo participado como solista no *Lobgesang* e no *Elias* de F. Mendelssohn, nas *Bodas de Fígaro* de Mozart, no *Dixit Dominus* de Haendel, nos *Te Deum* de Zelenka e Handel, nos musicais da Broadway, no *Porgy & Bess* de Gershwin, no *Cole Porter and Friends* e nas *Cantigas de Maio* sob a direção do maestro Jorge Matta. Em 2017 integrou o elenco de *Beaumarchais*, com música do compositor Pedro Amaral, em cena no Teatro Nacional Dona Maria II. Em outubro de 2021 representou os papéis de Clara e Serena no *Porgy & Bess* de Gershwin no Teatro Garcia de Resende, em Évora, sob a direção de Paulo Lourenço. Apresenta-se regularmente em recital acompanhada pelo pianista Francisco Sasseti.



Sara Afonso

Estudou piano no Instituto Gregoriano de Lisboa e canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, com Manuela de Sá. Fez o curso profissional de actores da ACT e formação em Técnica de Michael Tchekhov, Commedia dell'Arte, Improviso e encenação. É licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Lisboa.

Dedica parte do seu trabalho a autores portugueses e música contemporânea. Fez a estreia moderna da

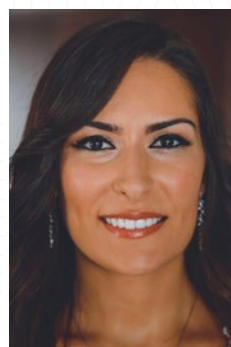
opereta cómica *A Morte do Diabo* de Eça de Queirós e Jaime Batalha, com direcção musical de José Manuel Brandão, foi Severa na opereta homónima de Filipe Duarte (direcção musical de Armando Vidal e cénica de Laureano Carreira). Estreou *estados* e a Cantata *Awakenings* da compositora Sara Ross. Integrou o elenco de *MUSAico* de Pedro Moura, no CCB, e de *Beaumarchais*, de Pedro Amaral, no Teatro Nacional Dona Maria II.

Em ópera, interpretou Pamina (*Die Zauberflöte*), Serpina (*La Serva Padrona*), Despina (*Così Fan Tutte*), Zerlina (*Don Giovanni*) e Susanna (*Le Nozze di Figaro*), em produções da Orquestra Metropolitana de Lisboa, com direcção de Pedro Amaral e encenação de Jorge Vaz de Carvalho. Foi Lauretta (*Gianni Schicchi*) na produção da Orquestra Filarmonia das Beiras (direcção de António Lourenço e encenação de Claudio Hochman), Soeur Gertrude (*Dialogues des Carmelites*) no Teatro Nacional de São Carlos (direcção de João Paulo Santos e encenação de Luís Miguel Cintra) e solista em concertos da Orquestra Sinfónica Juvenil (direcção de Pedro Carneiro) e da Orquestra de Câmara do Sul (dirigida por Cesário Costa).

Em teatro, trabalhou com encenadores como Claudio Hochman, Nuno Pino Custódio, Ruben Saints, Manuel Jerónimo, Jorge Andrade, Ricardo Neves Neves e Marco Martins.

É membro do grupo de improviso Cardume e uma das criadoras do Teatro Riscado.

Dirige o CoroART e o Coro de Câmara Outros Cantos. Colabora com o Coro Gulbenkian e com alguns ensembles vocais e instrumentais, entre os quais Carmin'Antiqua, Melleo Harmonia e Polyphōnos.



Rita Morão Tavares

Natural de Lisboa, iniciou os estudos musicais com cinco anos de idade. Frequentou o curso de piano do Instituto Gregoriano de Lisboa, onde estudou técnica vocal com Elsa Cortez. É licenciada em Canto pela Escola Superior de Música de Lisboa, na classe de canto de Sílvia Mateus. Apresentou-se em recital com os pianistas José Eduardo Martins, Nuno Vieira de Almeida

e Luíza Gama Santos e participou em Masterclasses orientadas por Enza Ferrari, Peter Philips e Susan Waters. É membro do Officium Ensemble e do Coro Gulbenkian. Como solista, interpretou obras de Juan Allende-Blin, J. Francisco de Lima, Henrique Oswald, Bach, Britten, Handel, James MacMillan e Mozart, Mendelssohn e Pergolesi. Em 2014, foi solista no *Te Deum* de J. Francisco de Lima com o Coro e Orquestra Gulbenkian. Em 2015, fez a estreia mundial dos *Cantos Sefardins* de Fernando Lopes Graça com o pianista José Eduardo Martins, na Unibes Cultural, em São Paulo. Nesse ano atuou também no concerto de solistas do Coro Gulbenkian, na Igreja de S. Roque. Em 2016 integrou o elenco da ópera *Les Dialogues des Carmélites* de Poulenc, no Teatro Nacional de S. Carlos, sob a direção de João Paulo Santos.

Próximos espetáculos

Recital de Solistas do 12.º Ano

Academia de Música de Alcobaça

09/07 · ter · 18h00

Armazém das Artes

Alunos do Curso Secundário de Música

Entrada livre

Parceria:



JUNIOR E FAMILIAS

Ensemble de Jazz e Combo dos Cursos Rockschool

Academia de Música de Alcobaça

12/07 · sex · 19h00

Parque Verde de Alcobaça

Entrada livre

Parceria:



JUNIOR E FAMILIAS

Recital de Solistas do 10.º e 11.º Anos

Academia de Música de Alcobaça

10/07 · qua · 18h00

Armazém das Artes

Alunos do Curso Secundário de Música

Entrada livre

Parceria:



JUNIOR E FAMILIAS

RePercussion Trio

Intermitências

12/07 · sex · 22h00

Coimbra · Teatro da Cerca de São Bernardo

Entrada livre

Parceria: Epicentro

OUTROS MUNDOS

Elsa de Lacerda e Nathanaël Gouin

“Change” – Temas de Revolução

10/07 · qua · 21h30

Centro de Diálogo Intercultural de Leiria – Igreja da Misericórdia

Entrada livre

Parceria:



JUNIOR E FAMILIAS

À Portuguesa

Espectáculo de Final de Ano da Academia de Dança de Alcobaça · Cursos Livres e Iniciação

13/07 · sáb · 11h00

Cine-teatro de Alcobaça – João D’Oliva Monteiro

Preço: 6€*

NON STOP JUNIOR E FAMILIAS

David Silva e Júlio Guerreiro

Recital de flauta e guitarra

Lopes-Graça e Piazzolla

13/07 · sáb · 15h30

Mosteiro de Alcobaça · Capela do Desterro

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€

NON STOP

Coro do Orfeão de Leiria

João Ferreira, direção musical

Bruno Santos, saxofone · João Santos, órgão

Requiem e Son of God Mass de James Whitbourn

10/07 · qua · 21h30

Igreja Paroquial da Benedita

Entrada livre mediante reserva de bilhete

Apoio: Paróquia de Nossa Senhora da Encarnação da Benedita e Junta de Freguesia da Benedita

JUNIOR E FAMILIAS

Quarteto Camões e Dejan Ivanovich

O Lugar do Tempo

13/07 · sáb · 17h00

Mosteiro de Alcobaça · Celeiro

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€

NON STOP

Elsa de Lacerda e Nathanaël Gouin

“Change” – Temas de Revolução

11/07 · qui · 21h30

Museu do Vinho · Adegas dos Balseiros

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€

JUNIOR E FAMILIAS

Mário Laginha Trio e Vasco Dantas

Mongrel

13/07 · sáb · 21h30

Mosteiro de Alcobaça · Claustro D. Dinis

Preço: 20€ · Preço com desconto: 15€

Apoio:



NON STOP

Consulte a programação em www.cistermusica.com